

Defenderam-se os Andradas e a Assembléia convidou o ministro do Império a comparecer, para explicações. Eram cinco horas da madrugada: Vilela Barbosa, coronel do exército, compareceu atrasado e armado, começando a falar sentado. Advertido pelo presidente, levantou-se e declarou que havia necessidade de “pelo menos uma lei que coibisse o abuso da liberdade da imprensa”. Disse e retirou-se. Pela manhã, chegou um oficial, com o decreto dissolvendo a Constituinte por ter falhado ao compromisso de defender a integridade do Império, sua Independência e a dinastia de D. Pedro⁽⁴³⁾. Terminara a longa “noite da agonia”. Reinava o absolutismo. O *Tamoio* e a *Sentinela* deixaram de circular. Restava agora a imprensa áulica e única. A outra, a que fora liquidada em outubro do ano da Independência, cumprira exemplarmente a sua missão; a que restara, a andradina, liquidada em novembro de 1823, tivera também o seu papel. A direita em ascensão, empolgando o poder, não apenas destruía a liberdade, mas devorava agora aqueles que a haviam servido, de permeio com aqueles que a haviam combatido. A vítima maior era o Brasil.

Assim todo o trabalho dos que colocavam o problema da liberdade

autoriza para os expulsarem do território do Império, que poluem”. Na mesma sessão, Martim Francisco fez breve discurso: “Dar-se-á o caso que, submergidos na escuridão das trevas, tememos encarar a luz? Que, amamentados com o leite impuro do despotismo, amamos ainda seus ferros e suas cadeias? Ou que, vergados sob o peso de novas opressões, emudecemos de susto, e não sabemos deitar mão da trombeta da verdade, e com ela bradar aos Povos: sois traídos? Todavia, não antecipemos juízos, não tiremos ainda conseqüências, consideremos o fato por todas as suas faces, com todas as circunstâncias e acessórios que o acompanharam e agravaram, e então poderemos classificar a natureza do crime ou crimes cometidos. Disse-lhe que semelhante atentado estava no caso dos crimes ordinários, era filho dos abusos da Imprensa: examinemo-lo. Na noite do dia tal, são 7 para as 8 horas, foi atacado, em sua botica, no largo, ao pé da guarda da Carioca, o boticário David Pamplona, pelos *Sargento Mor Lapa* e *Capitão Moreira*, e horivelmente espancado; e por quê? Por ser Brasileiro resoluto; por quem? Por perjuros que, menoscabando a religião do juramento, que cobertos com o manto postiço e emprestado de brasileirismo, pagam o benefício de os havermos incorporado à nossa Nação, com repetidas traições, e persuadidos talvez de impunidade, cevam seus ódios contra nós, derramando o nosso sangue, e solapando indiretamente as bases da nossa Independência: infames, assim agradecem o ar que respiram, o alimento que os nutre, a casa que os abriga, e o honorífico encargo de nossos defensores, a que indiscretamente os elevamos! (...) Ainda vivem, ainda suportamos em nosso meio semelhantes feras!”

(43) O ofício dizia: “Havendo eu convocado, como tinha direito de convocar, a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa, por decreto de 3 de junho do ano próximo passado; a fim de salvar o Brasil dos perigos que lhe estavam iminentes; e havendo esta Assembléia perjurado ao tão solene juramento que prestou à nação de defender a integridade do Império, sua independência e a minha dinastia: Hei por bem, como imperador e defensor perpétuo do Brasil, dissolver a mesma Assembléia, e convocar já uma outra na forma das instruções feitas para convocação desta, que agora acaba, a qual deverá trabalhar sobre o projeto de Constituição que eu lhe hei de em breve apresentar, que será duplicadamente mais liberal do que o que a extinta Assembléia acabou de fazer. Os meus ministros e secretários de Estado de todas as diferentes repartições o tenham assim entendido e façam executar a bem da salvação do Império”.